

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE IMPLANTAÇÃO DE FARMÁCIA VIVA NA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE - DIC 1 – CAMPINAS – SP**

Luís Hermínio da Luz Freire<sup>1</sup>

Raquel F. Scandiuzzi<sup>2</sup>

Maíra Bárbara Santos Maia<sup>3</sup>

Afonso Peche Filho<sup>4</sup>

### **Programa da saúde**

#### *Resumo*

O uso de abordagens integrativas de saúde e bem-estar tem crescido em ambientes no mundo todo. A saúde integrativa visa cuidados bem coordenados entre os diferentes provedores e instituições, reunindo abordagens convencionais e complementares para cuidar da pessoa como um todo. No contexto da Política Nacional de Assistência Farmacêutica e do SUS, o Ministério da Saúde instituiu em abril de 2010, a Farmácia Viva, que compreende “todas as etapas, desde o cultivo, a coleta, o processamento, o armazenamento, a manipulação e a dispensação de preparações magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos”. Em meados de 2016, após uma ampla formação sobre práticas integrativas complementares promovida pelo SUS e Prefeitura Municipal de Campinas, surgiu, entre servidores e usuários da Unidade Básica de Saúde – DIC 1 – Campinas SP a idéia de formar uma horta/farmácia, com o aval e ajuda do Conselho Local de Saúde. O objetivo deste trabalho é relatar e registrar a experiência da equipe da do Centro de Saúde Dic 1, situado no Distrito de Saúde Sudoeste da cidade de Campinas SP e contribuir com iniciativas semelhantes. Como resultado, vimos a iniciativa, como positiva. Resultando na união de esforços para prática não medicamentosa, utilizando de tecnologias leves; participação de vários usuários, principalmente os de saúde mental com dificuldade de adesão a terapêuticas convencionais e outros usuários que aceitavam esta proposta/oferta de cuidado. Para os trabalhadores foi mais uma possibilidade de tornar a UBS - DIC 1 um espaço de uso terapêutico e de clínica ampliada.

**Palavras-chave:** Farmácia Viva; Unidade Básica de Saúde; Fitoterápicos.

---

<sup>1</sup> Coordenador; UBS – DIC 1 (1995-2021) – Prefeitura Municipal de Campinas  
luis.freire@campinas.sp.gov.br;

<sup>2</sup>Co-gestora, UBS- DIC 1 – Prefeitura Municipal de Campinas;

<sup>3</sup>Terapeuta-ocupacional – equipe de saúde mental do C.S. DIC 1;

<sup>4</sup> Pesquisador científico – Centro de Engenharia e Automação/IAC- Jundiaí-SP

## INTRODUÇÃO

O uso de abordagens integrativas de saúde e bem-estar tem crescido em ambientes de cuidados no mundo todo. A saúde integrativa visa cuidados bem coordenados entre os diferentes provedores e instituições, reunindo abordagens convencionais e complementares para cuidar da pessoa como um todo. No contexto da Política Nacional de Assistência Farmacêutica e do SUS, o Ministério da Saúde instituiu em abril de 2010, a Farmácia Viva, que compreende “todas as etapas, desde o cultivo, a coleta, o processamento, o armazenamento de plantas medicinais, a manipulação e a dispensação de preparações magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos”.

MENDONÇA et.al., (2018) afirmam que a fitoterapia é uma prática milenar e além de ser aplicada em diversas culturas e ter sua eficiência comprovada pela ciência, essa prática também pode ser usada para resgatar o conhecimento tradicional dos povos locais. GOUVEIA & SIMINATO (2019) afirmam que a introdução da fitoterapia é um esforço conjunto e interdisciplinar entre a saúde, educação, agricultura e municípios.

COLET et. al., (2015) afirmam que os principais usos de fitoterápicos eram indicados para doenças do tipo: gastrointestinal, sistema nervoso, distúrbios metabólicos, aparelho respiratório e hipertensão. VALE et.al., (2021) afirmam que 84% das pessoas que foram entrevistadas para o estudo eram usuários de plantas medicinais e que os principais tratamentos são para doenças do sistema digestivo, respiratório e para transtornos mentais e comportamentais. VALE et.al., (2021) em estudo constataram que os principais usos foram na forma de chá feito pelas folhas das plantas. COLET et. al., (2015) entrevistaram 446 pessoas e descobriram que 81% deles faziam uso de fitoterápico e que destes 71,5% utilizavam por indicação de familiares.

COLET et. al., (2015) concluíram em estudo que existem poucos profissionais qualificados para orientação correta do uso de fitoterápicos e poucas pesquisas que ofereçam base na recomendação e implementação de políticas públicas.

Realização



Apoio



RUFINO et. al., (2019) afirmam que, no Ceará, os profissionais que trabalham com farmácias vivas estão ocultos e que os poucos que se conhece estão em universidades e núcleos de fitoterápicos.

VALE et.al., (2021) concluem que o entendimento do uso e recomendação de fitoterápicos é um conhecimento muito importante pelo fato do usuário fazer uso em suas casas.

BIANCHI, BEHRENS, SOARES (2016) afirmam que é importante o planejamento completo da farmácia viva para uma garantia de um projeto duradouro. RUFINO et. al., (2019) dizem que os espaços produtivos em áreas dentro da cidade também exercem o papel de espaços de aprendizagem e troca de conhecimento.

Em meados de 2016, após uma ampla formação sobre práticas integrativas promovida no âmbito do SUS pela Prefeitura Municipal de Campinas, surgiu, entre os servidores e usuários da Unidade Básica de Saúde – DIC 1 – Campinas SP a idéia de montar uma horta/farmácia viva, com o aval e ajuda do Conselho Local de Saúde. O objetivo deste trabalho é relatar e registrar a experiência da equipe da UBS – DIC 1 – Campinas SP e contribuir com novas iniciativas semelhantes.

## METODOLOGIA

A instalação da “farmácia viva” se deu em etapas. A partir das diretrizes do SUS, através de reuniões específicas, houve discussões e reflexões entre membros da equipe da UBS-DIC 1 sobre a concepção de instalação da farmácia viva na unidade. Neste período surgiu a ideia da “ciranda das ervas” entre os funcionários, onde cada um trouxe uma muda e relatou suas experiências com o uso da planta. Desde a inauguração da UBS – DIC1 em 1990 instalado em um terreno de aproximadamente 1400 m<sup>2</sup>, houve movimentos entre funcionários e usuários para o aproveitamento do terreno. No início, um ou outro servidor cultivava alguma planta medicinal e, aos poucos, o cultivo foi-se ampliando e diversificando, instalado em um canteiro “provisório”. Depois de algum tempo, a gestão local, em parceria com funcionários envolvidos, acionou o setor

Realização



Apoio



administrativo, conhecido como “Regional 12”, vinculado à secretaria de obras do município, que possibilitaram algum apoio como tijolos e outros materiais para construção de novos canteiros no chão e composteira. Através do Centro de Educação dos Trabalhadores da Saúde, CETS, vinculado a secretaria municipal de saúde, instituindo o programa de *residência multiprofissional em saúde da criança* no SUS/Campinas, em parceria com a UNICAMP, no C.S.DIC 1, cuja composição era de dois enfermeiros, uma fonoaudióloga, e uma farmacêutica, propiciou que o projeto tivesse novo impulso com uma agenda mais estruturada de atividades. Neste período, uma das propostas seria o potencial uso medicinal das plantas, até como um resgate cultural das famílias que formavam este território. Logo em seguida houve a proposta através do município com mais uma parceria com a UNICAMP para integrar o projeto chamado “Farmácia Viva”. Os servidores envolvidos participaram dos encontros, aperfeiçoando os conhecimentos sobre as plantas medicinais e as formas corretas de cultivá-las. Em alguns momentos a equipe contou também com a parceria do Centro de Engenharia e Automação/IAC-JUNDIAÍ, através do pesquisador científico Afonso Peche Filho, que orientou quanto o melhor uso do solo e a condução dos cultivares. Com a formação das práticas integrativas complementares (PIC) foram realizadas várias reuniões para planejar e aperfeiçoar o projeto a partir de observações e das necessidades do serviço de saúde. O desenvolvimento da farmácia viva, favoreceu a integração da equipe e a possibilidade de ampliar o olhar sobre o cuidado em saúde.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente a “Farmácia Viva” da UBS – DIC1 contou com dois canteiros de solo e posteriormente, foi construído um canteiro suspenso, visando beneficiar os usuários que apresentam dificuldades em permanecerem agachados.

Realização



Apoio





Figura 1 – Detalhes de canteiros e atividades de plantio.

Foram plantadas mudas de maracujá, guaco, losna, pitanga, boldinho, hortelã, gengibre, cúrcuma, erva cidreira brasileira, penicilina vegetal, carqueja, jurubeba, malvavisco, berinjela, manjeriço. Os usuários também sugeriam o plantio de leguminosas.

Durante o período de funcionamento, as espécies mais requisitadas foram o capim cidreira e a erva cidreira brasileira. Grande parte das ervas medicinais eram apresentadas em eventos promovidos pela UBS, tendo com destaque as reuniões do grupo de hiperdia, que utilizava das atividades e ervas da “Farmácia Viva” como terapia complementar do cadastramento e acompanhamento dos pacientes hipertensos e diabéticos, promovendo saúde, conforme citado por De Luca et al, 2022 . Outros usos da “Farmácia Viva, foi manter o fornecimento de matéria prima para confecção de diversos tipos de chás disponibilizados na recepção para o público e pacientes da UBS. Com destaque para o chá de ‘erva cidreira’. Nas reuniões da “Farmácia Viva”, a orientação era para promover atividades práticas com os participantes cultivando, colhendo, manipulando e fazendo uso.

Realização

Apoio



Figura 2 – Detalhe da equipe e atividades terapêuticas.

As dificuldades foram se apresentando, de forma variada, durante o desenvolvimento das atividades, entre elas a baixa participação da própria equipe para as tarefas diárias de cuidados com os canteiros como rega entre outros manejos. A falta de fornecimento de insumos e apoio técnico também foi uma constante. A inauguração de “outros serviços” dentro da unidade promoveu a saída de boa parte da equipe original. Outros problemas ocorreram, como foi o caso de obras de manutenção e reforma do serviço; o período de pandemia de COVID19, que paralisou as atividades de grupos terapêuticos presenciais; o furto de ferramentas entre outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A experiência de organizar em equipe uma “Farmácia Viva” proporcionou muito aprendizado.
- Do ponto de vista da gestão, apesar das dificuldades, a organização da “Farmácia

Realização

Realização

Apoio

Apoio

Viva” na UBS – DIC1 foi muito positiva, principalmente com a oferta de prática não medicamentosa, utilizando de tecnologias leves.

- A participação de vários usuários, principalmente os de saúde mental que não aderiam a nenhuma proposta/oferta de cuidado do serviço de saúde foi uma constante.

- Para os trabalhadores foi mais uma possibilidade de uso terapêutico e de espaço de clínica ampliada e da realização de uma atividade prazerosa no cotidiano do trabalho.

- O projeto tem sido retomado em ritmo lento conforme as articulações para as atividades grupais se restabelecem considerando a fase da pandemia de Covid 19.

## **A**GRADECIMENTOS

Equipe de Saúde e membros do grupo “Nossa Horta” do C.S.DIC 1 (Dr. Emerson Hollanda Silva, cirurgião dentista; Aureliana Honorato dos Santos, auxiliar de enfermagem; Blenda Barbosa de Souza, Vanda do Carmo Miato de Lima, Elisabete Maria Silva Costa, agentes comunitários de Saúde) ; Apoio Institucional do Distrito de Saúde Sudoeste; Equipes da Residência Multiprofissional da Unicamp de 2016 a 2018 ( faculdades de enfermagem, fonoaudiologia, farmácia e nutrição), Centro de Engenharia e Automação/IAC-Jundiá

## **R**EFERÊNCIAS

Acesso em: 22 de julho de 2022

BRASIL. Portaria nº 886, de 20 de abril de 2010. Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Diário Oficial da União, 2010.

COLET, Christiane de Fátima; CAVALHEIRO, Cláudia Angélica Nunes; DAL MOLIN Gislaine Tisott; CAVINATTO, Aline Wiliens; SCHIAVO, Morgana; SCHWAMBACH, Karin Hepp; OLIVEIRA, Karla Renata. Uso de plantas medicinais por usuários do serviço público de saúde do município de Ijuí/RS. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article>, 2015.

DE LUCA, Márcia Emília Moreira; HENRIQUES, Juliana Allan de Oliveira Silva; ARAUJO, Daniela Gomes de; BOSCHINI, Leonardo Cortázio; HOBAlK, Lucas Vasques de Paula; DA CRUZ, Bárbara Barbosa; BARRETO, Rogério Nunes; CARDOSO, Carlos Alfredo Franco. HORTA TERAPÊUTICA: A HORTOTERAPIA COMO ATIVIDADE PROMOTORA DE

Realização



Apoio



SAÚDE EM UBS. Revista da JOPIC, Editora UNIFESO, Teresópolis, RJ, vol. 6, num. 10, 2022.

GOUVEIA, Gisele Damian Antonio; SIMIONATO, Cesar. Plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica. Centro de Ciências em Saúde – Núcleo Telesaúde Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: [telesaude.sc.gov.br](http://telesaude.sc.gov.br). 2019.

MENDONÇA, Valéria Melo; DOS SANTOS, Mário Jorge Campos; MOREIRA, Flávia Viana; SILVA-MANN, Renata; RIBEIRO, Marta Jeidjane Borges. Fitoterapia Tradicional e Práticas Integrativas e Complementares no Sistema de Saúde do Brasil. Temas em Saúde, vol. 18, num. 1, João Pessoa, 2018.

RUFINO, Leonardo Lopes; GAMARRA-ROJAS, Guillermo; BANDEIRA, Mary Anne Medeiros; DE SOUZA, José Ribamar Furtado; REIS, José Newton Pires. Prática das farmácias vivas do município de Fortaleza, Ceará, e a necessidade de uma ação de extensão sistêmica. Extensão Rural, DEAER – UFSM, v. 25, n. 4, 2019.

VALE, Clara Maria Germano Cidrack; FREITAS, Vitoria Fior de; SILVA, Adria Raiane de Souza; ROCHA, Murilo Tomaz; CASIMIRO, Laura de Quadros; BORGES, Lucas Henrique Mendonça Uchoa; LIMA, Emanuel Kennedy Feitosa; CÂMARA, Carlos Campos; BRITO, Teresinha Silva de. Uso de plantas medicinais por usuários da Atenção Primária à Saúde em Mossoró/RN: contribuição para profissionais prescritores. Revista Fitos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/48199>, 2021.

Realização



Apoio

